

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA
TEMPORADA
2001

**Orquestra Sinfônica
da Rádio de Berlim**

Marek Janowski *Regente*

José Feghali *Piano*

Mantenedores

Affonso Celso Pastore
Agência Estado
Alain J. Costilhes
Alberto Martins
Alberto Soares de Almeida
Alexandre Fix
Aluisio Rebello de Araújo
Álvaro Luiz Fleury Malheiros
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Correa Meyer
Antonio Hermann D. M. de Azevedo
Arsenio Negro Jr.
Beatriz Botelho Hime
Bruno Licht
Carlos J. Rauscher
Carlos Nehring Neto
Cláudio Alberto Cury
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Eduardo Brenner
Erico Stickel
Felipe Arno
Fernando Carramaschi
George Gerard Arnhold
Gérard Loeb
Gian Carlo Gasperini
Henrique Brenner
Henrique Fix
Israel Vainboim
Jayme Blay
Jayme Sverner
Jorge Diamant
José e Priscila Goldenberg
José Carlos Moraes de Abreu
José E. Mindlin
José Luis de Freitas Valle
José M. Martinez Zaragoza
José M. Pinheiro Neto
José Roberto Opice
Lucília Diniz
Luis Stuhlberger
Luiz Rodrigues Corvo
Maria de Lourdes A. Machado
Maria Prudência de V. Resende
Mario Arthur Adler
Mauris Warchavchik
Michael e Alina Perlman
Mínide Pedroso
Nelson Nery Jr.
Nelson Zuanella
Oscar Vicente Ferro
Oswaldo Daunt Salles do Amaral
- In Memoriam
Plínio José Marafon
Redegas Natural
Ricardo Augusto Gallo
Rosa Maria Z. Rinzler

Rui Korbivcher
Sérgio Almeida de Oliveira
Tales P. Carvalho
Thomas Michael Lanz
Vavy Pacheco Borges
Wolfgang Knapp
1 Mantenedor anônimo

Amigos

Alberto Emanuel Whitaker
Alexandre Rauscher
Alice Alves de Lima
Amélia de Giacomo
Ana Maria L. V. Igel
Anna Maria Tuma Zacharias
André Jum Yassuda
André Luiz Shinji Hayata
Andrea Sandro Calabi
Antonio Carlos Pereira
Antonio Roque Citadini
Arnold Wald
BVDA / Brasil Verde Design
Carla Milano
Carlos P. Rauscher
Centauro Equip. de Cinema e Teatro
Claudia Lorch
Cláudio Halaban
Dario Chebel Labaki Neto
David Casemiro Moreira
Domingos Durant
Dora Halaban
Doris Alexander
Edith Ranzini
Edson Eidi Kumagai
Eduardo L. P. R. de Almeida
Eduardo e Lina Wurzman
Eduardo M. Zobarán
Eduardo Telles Pereira
Elio Sacco
Elisa Wolinec
Etsuko Nishikawa
Ezequiel Dutra
Fábio Konder Comparato
Felipe e Hilda Wroblenski
Fernando K. Lottemberg
Fernão Carlos B. Bracher
Francisco H. de Abreu Maffei
George Longo
Gerry Lingfield
Graziela Lafer Galvão
Gyorgy Böhn
Hannelore Kersten Wolff
- In Memoriam
Heinz Jorg Gruber
Heloisa Lourdes Alves Motta
Heraldo Luis Marin

Hilda Mayer
Horácio Leirner
Horácio Mário Kleinman
Isabel Sobral
Jacques Siekierski
Jairo Cupertino
Jenny Musatti
João Baptista Raimo Jr.
Lea Regina Caffaro Terra
Lena Strumpf
Leon Reitzfeld
Leopoldina de Faria Ribeiro
Lia Fukui
Lilia Salomão
Livreria Cultura Editora
Lucila Pires Evangelista
Marcello Franco
Marcelo e Rita Secaff
Maria Angeles Fanta
Maria Antonieta Gunther
Maria Carolina Brando
Maria Cláudia Viana
Maria Cristina Viana Kuntz
Mário Higino N. M. Leonel
Marta D. Grostein
Martha E. de Souza Queiroz
Michelle Luigi Pennavaria
Miguy Azevedo Mattos Pimenta
Milu Villela
Morvan Figueiredo de Paula e Silva
Olga Tieppo
Oscar Lafer
RCS Consultores
Rafael Jordão Mota Vecchiatti
Regina Sverner
Regina Weinberg
Rita de Cássia Caruso Curi
Roberto Bumagny
Roberto Calvo
Rubens Halaban
Rubens Muskat
Rui Fontana Lopez – Editores
Ruy Souza e Silva
Sérgio Leal Carvalho Guerreiro
Silvio Meyerhof
Tamas Makray
Tarcísio V. Ramos
Therezinha Moreira Leite
Thomas Farkas
Walter Ceneviva
Wilson Carmignani
16 Amigos anônimos

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA
TEMPORADA
2001

apoio



Auswärtiges Amt



LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA

apoio
institucional

Prefeitura do
Município
de São Paulo
Lei 010923/90

promoção



Orquestra Sinfônica da Rádio de Berlim

Marek Janowski

Regente

José Feghali

Piano

patrocínio



Orquestra Sinfônica da Rádio de Berlim

A *Rundfunk-Sinfonieorchester Berlin – RSB* realizou seu primeiro concerto no dia 29 de outubro de 1923, o que faz dela a mais antiga orquestra das rádios alemãs, e a partir de 1924 seus programas começaram a ser transmitidos quase diariamente pelas rádios de Berlim. Ao longo de seus 78 anos de existência, a *RSB* já esteve sob a Direção Musical de celebridades como Eugen Jochum, Sergiu Celibidache, Arthur Rother, Herrmann Abendroth, Heinz Rögner e Rafael Frühbeck de Burgos, e teve em seu pódio, como Regentes Convidados, grandes maestros como Klemperer, Busch, Walter, Szell, Kempe, Karajan, Sawallisch, Sanderling e Masur. Além disso, importantes compositores do século XX – Hindemith, Honegger, Milhaud, Prokofiev, Richard Strauss, Schoenberg, Stravinsky e, mais recentemente, Henze, Zimmermann e Penderecki – também se apresentaram com o conjunto, interpretando, como regentes ou solistas, suas próprias obras.

Ao longo de sua existência, a Orquestra Sinfônica da Rádio de Berlim tem adotado critérios rigorosos para a renovação de seu quadro de músicos, privilegiando a admissão de jovens instrumentistas formados pelas melhores escolas de música e pelos mais importantes conservatórios do mundo, assegurando,



desse modo, sua sonoridade e sua homogeneidade, atributos que têm distinguido o conjunto no cenário internacional da música sinfônica e de concerto.

A programação da *RSB* tem procurado apresentar não apenas o repertório sinfônico tradicional, mas também divulgar a música da segunda metade do século XX e promover a estréia de novas obras, encomendando criações aos melhores compositores de nosso tempo. Além de atender a seus compromissos e responsabilidades como orquestra radiofônica, a Sinfônica da Rádio de Berlim apresenta anualmente mais de sessenta concertos, em Berlim e em turnês nacionais e internacionais. Para gravar seus programas de rádio e produzir CDs, a Orquestra, em cooperação com a *DeutschlandRadio*, realiza cerca de 80 sessões de estúdio por ano, e um dos resultados recentes desse trabalho foi a encenação e a gravação da ópera *A Harmonia do Mundo*, de Paul Hindemith, com solistas de prestígio internacional e o Coro da Rádio de Berlim, sob regência de Marek Janowski.

Quanto à integração entre a *Rundfunk-Sinfonieorchester* e o *Rundfunkchor Berlin*, essas duas formações musicais trabalham em conjunto desde que foram fundadas. Dessa colaboração resultaram centenas de concertos e inúmeras gravações de programas de rádio, discos e CDs. Muitas das primeiras gravações da Orquestra e do Coro são consideradas verdadeiros padrões de excelência para a interpretação do repertório nelas abordado, razão pela qual diversos desses registros vêm sendo relançados em CD.

Hospital Israelita Albert Einstein.
Para quem se preocupa com a vida, todo exagero é pouco.



No Albert Einstein, os cuidados com a vida são levados ao extremo. Da medicina preventiva aos casos mais complexos. Hoje, o Einstein é um dos poucos centros hospitalares do mundo capaz de tratar e acompanhar todas as etapas da saúde de seus clientes. Sem exagero.

Faça a opção de qualidade. Consulte seu plano de saúde ou ligue: (11) 3747-1233 - www.einstein.br



HOSPITAL ISRAELITA
ALBERT EINSTEIN
amor à vida

Marek Janowski *Regente*



Regente Titular da *Orchestre Philharmonique de Radio France* entre 1984 e 2000, Marek Janowski, desde o ano passado, responde pela Direção Musical da *Orchestre Philharmonique de Monte-Carlo*, e a partir de janeiro de 2001 passou a ocupar a dupla posição de Regente Titular e Diretor Artístico da Orquestra Filarmônica de Dresden.

Filho de pai polonês e mãe alemã, Marek Janowski nasceu em Varsóvia e foi criado e educado na Alemanha. Formado pela *Hochschule* de Colônia, onde trabalhou sob a orientação de Wolfgang Sawallisch, completou os estudos de música em Siena, e seus primeiros compromissos profissionais foram como Maestro Assistente em Aix-la-Chapelle e Düsseldorf. Depois de ocupar o posto de Regente Principal da Ópera de Hamburgo (1969/1974), foi Diretor Musical em Freiburg (1973/1975) e Dortmund (1975/1980), respondeu pelo cargo de Regente Titular da *Gürzenich-Orchester* de Colônia (1986/1990), é o Principal Regente Convidado da Orquestra Sinfônica Alemã de Berlim e, há diversos anos, vem regendo, como Maestro Convidado, algumas das mais prestigiadas orquestras da Europa, dos Estados Unidos e da Ásia. O maestro Janowski tem-se apresentado também em importantes casas líricas internacionais, como as Óperas de Viena, Munique, Berlim, São Francisco, Chicago e Nova Iorque.

A discografia de Marek Janowski inclui diversos títulos, dentre os quais se destacam um elogiado registro de *O Anel dos Nibelungos*, à frente da *Dresdner Staatskapelle Orchester*, as óperas *Der Freischütz* e *Oberon*, de Weber, a Sinfonia *Turangalila*, de Messiaen, o registro integral das Sinfonias de Roussel, premiado com o *Diapason d'Or* de 1996, e o conjunto de gravações com todos os Concertos para Piano de Beethoven, que gravou com a Orquestra da *Gewandhaus* de Leipzig e o pianista Gerhard Oppitz.

José Feghali *Piano*

Menino prodígio ao piano, José Feghali fez seu primeiro recital aos cinco anos de idade e três anos depois estreou como solista de concerto, ao lado da Orquestra Sinfônica Brasileira sob regência de Isaac Karabtchevsky. Aos 15 anos mudou-se para Londres, onde estudaria com Maria Curcio Diamand e completaria sua formação na *Royal Academy of Music*, trabalhando sob a orientação de Christopher Elton.

Desde que obteve a Medalha de Ouro no Sétimo Concurso Internacional de Piano Van Cliburn, em 1985, José Feghali tornou-se um dos mais aclamados pianistas de sua geração e já realizou mais de 500 apresentações no mundo todo. Como concertista, vem tocando com diversas das mais importantes orquestras da Europa e dos Estados Unidos, dentre as quais a Filarmônica de Berlim, as Orquestras da *Gewandhaus* de Leipzig e do *Concertgebouw* de Amsterdã, a Filarmônica de Roterdã, a *Royal Philharmonic de Londres* e a *London Symphony*, a *Birmingham Symphony*, a *BBC Philharmonic*, a Filarmônica de Varsóvia, as Sinfônicas de Chicago, Saint Louis, Pittsburgh, Detroit, Houston, Dallas, Minneapolis, Indianapolis, Atlanta e Baltimore, e a *National Symphony* de Washington, bem como tocou com a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo. Dentre os maestros com os quais o pianista teve oportunidade de colaborar destacam-se John Neschling, Kurt Masur, Neeme Järvi, John Nelson, James DePriest, Yuri Temirnakov, Leonard Slatkin, Andrew Litton, Kurt Sanderling, Rafael Frühbeck de Burgos, Christoph Eschenbach, Eduardo Mata, Sergiu Comissiona, Zdenek Macal, Hans Graf, David Zinman e Hans Vonk.



Igualmente ativo também como recitalista, José Feghali já apresentou recitais em prestigiosas salas de música da Europa, da América do Norte, da América Latina e do Oriente. Além de suas aparições como solista de concerto e recitalista, Feghali vem-se dedicando ainda à música de câmara, em colaborações com artistas como o flautista James Galway, o violoncelista Truls Mørk e o violinista Olivier Charlier.

Dentre os compromissos recentes do pianista destacam-se o Concerto de Abertura da Temporada do Centenário da Sinfônica de Dallas (no ano passado), concerto com a *Royal Philharmonic Orchestra*, no *London Royal Festival Hall*, Concerto de Gala com a *Orchestre Symphonique de Québec*, concertos com diversas orquestras brasileiras, européias e norte-americanas, recital com o tenor Jon Vickers, no Festival de Ravinia, e concerto com a Sinfônica de Chicago, sob a batuta de Christoph Eschenbach.

A discografia de José Feghali inclui álbuns-solo dedicados a Chopin, a Schumann e à música para dança, e um elogiado registro do Concerto nº 1 para Piano e Orquestra de Tchaikovsky, com a *Philharmonia Orchestra* de Londres regida por Barry Wordsworth. Artista Residente da *Texas Christian University*, Feghali é também estudioso e conhecedor de tecnologias de gravação, o que lhe permitiu produzir e responsabilizar-se pela remasterização de um conjunto de nove CDs, gravados para o selo *V.A.I.*, contendo apresentações ao vivo dos premiados do Concurso Internacional de Piano Van Cliburn.



Violinos deveriam tocar tanto
quanto telefones.

Patrocinadora da Sociedade de Cultura Artística.

Telefonica

Orquestra Sinfônica da Rádio de Berlim

Marek Janowski *Regente*

Bernd Runge *Diretor da Orquestra*

Primeiros Violinos

Spallas

Rainer Wolters
Erez Ofer

Prof. Joachim Scholz
Susanne Herzog
Wolfgang Schulze
Roland Büttner
Peter Claus
Bettina Sitte
Gunter Gross
Steffen Tast
Karin Kynast
Franziska Drechsel
Anne Feltz
Anna Morgunowa
Philipp Beckert
Dietmar Häring
Juliane Wolf

Segundos Violinos

Principais

Hermann Weiche
Bodo Przesdzing

Donat Nussbaumer
Sylvia Petzold
Joachim Jeitner
Jörg Seidel
Eva Grünenthal
Christiane Richter
Ingeborg Westphal
Anne-Kathrin Weiche
Brigitte Käser
David Drop
Martin Eßmann
Christian Büttner
Una Sveinbjörnsdóttir

Violas

Solistas

Dorothea Stockmann
Andreas Willwohl

Gernot Adrion
Peter Seydel
Prof. Ditte Leser
Bernd Urban
Ulrich Kiefer
Emilia Markowski
Claudia Beyer
Ulrich Quandt
Jana Kleinteich
Alexej Doubovikov
Christiane Silber

Violoncelos

Solistas

Prof. Wolfgang E. Schmidt
Hans-Jakob Eschenburg

Ringela Riemke
Hartmut Friedrich
Volkmar Weiche
Jörg Breuninger
Michael Ameln
Christian Bard
Christian Raudszus
Matthias Wagner
Karola Hammerl

Contrabaixos

Solistas

Markus Strauch
Prof. Frithjof Grabner

Stefanie Rau
Scherka, Axel
Georg Schwärsky
Iris Ahrens
Alexander Adelman
Niemann, Christoph
Dorothea Bernd

Flautas

Solistas

Silke Uhlig,
Prof. Ulf-Dieter Schaaff

Rudolf Döbler
Gudrun Strauch

Oboés

Solistas

Clara Dent
Gabriele Bastian

Herbert Kraft-Kugler
Thomas Herzog

Clarinetas

Solistas

Oliver Link
Michael Kern

Peter Pfeifer
Günther Harnisch

Fagotes

Solistas

Alexander Voigt
Jaakko Luoma

Eckardt Königstedt
Clemens Königstedt

Trompas

Solistas

Uwe Holjewilken
Martin Kühner

Reinhard Büttner
Ingo Klinkhammer
Stephan Frank
Michael Armbruster
Christoph Thelen
Hans-Jürgen Zschäbitz

Trompetes

Solistas

Lars Ranch
Andreas Adam

Georg Wolf
Jörg Niemand

Trombones

Solista

Edgar Manyak

Hartmut Grupe
Jörg Lehmann

Tuba

Georg Schwark

Timpanos e Percussão

Arndt Wahlich
Raymond Curfs
Tobias Schweda
Frank Tackmann

Harpas

Renate Erxleben
Cécile Ulrich

Inspetores

Christian Schwärsky
Dorothea Groß

Montadores

Peter Leßmann
Willi Schrader

Série Branca

23 de outubro, terça-feira, 21h

Jean Sibelius (1865 – 1957)

Finlândia, Quadro Sinfônico, opus 26

Robert Schumann (1810 – 1856)

**Concerto para Piano e Orquestra,
em Lá menor, opus 54**

Allegro affetuoso

Intermezzo: Andantino grazioso

Finale: Allegro vivace

intervalo

Richard Strauss (1864 – 1949)

**Morte e Transfiguração,
Poema Sinfônico, opus 24**

Richard Wagner (1813 – 1883)

**Os Mestres Cantores de Nuremberg
Prelúdio**

Série Azul

24 de outubro, quarta-feira, 21h

Jean Sibelius (1865 – 1957)

Finlândia, Quadro Sinfônico, opus 26

Robert Schumann (1810 – 1856)

**Concerto para Piano e Orquestra,
em Lá menor, opus 54**

Allegro affetuoso

Intermezzo: Andantino grazioso

Finale: Allegro vivace

intervalo

Richard Strauss (1864 – 1949)

**Morte e Transfiguração,
Poema Sinfônico, opus 24**

Richard Wagner (1813 – 1883)

**Os Mestres Cantores de Nuremberg
Prelúdio**

Série Verde

25 de outubro, quinta-feira, 21h

Ludwig van Beethoven (1770 – 1827)

**Concerto para Piano e Orquestra n° 1,
em Dó maior, opus 15**

Allegro con brio
Largo
Rondó: Scherzando

intervalo

Anton Bruckner (1824 – 1896)

Sinfonia n° 7, em Mi maior

Allegro moderato
Adagio
Scherzo vivace
Finale

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

TEMPORADA
2001

abril 23, 24 e 25 Teatro Cultura Artística
**Coro e Orquestra do
Festival de Ludwigsburg**
Wolfgang Gönnenwein *Regente*

maio 8 e 9 *Sala São Paulo*
**Concerto Copenhagen e Coro
da Capela Real de Copenhagen**
Ebbe Munk *Regente*

maio 28 e 29 *Sala São Paulo*
Dezsö Ranki e Edit Klukon *Pianos*

junho 19 e 20 *Sala São Paulo*
Orquestra Filarmônica de Nova York
Kurt Masur *Regente*
Christine Brewer *Soprano*
Christopher S. Lamb *Percussão*

junho 25, 26 e 27 Teatro Cultura Artística
Ute Lemper

julho 9, 10 e 11 Teatro Cultura Artística
Quarteto Prazak *Cordas*

agosto 5 e 6 *Sala São Paulo*
Orquestra Filarmônica de Israel
Zubin Mehta *Regente*

agosto 13, 14 e 15 Teatro Cultura Artística
Hesperion XXI
Jordi Savall *Regente*

agosto 27, 28 e 29 Teatro Cultura Artística
Il Giardino Armonico
Giovanni Antonini *Regente*

outubro 8, 9 e 10 Teatro Cultura Artística
Camerata Bern
Heinz Holliger *Oboé*

outubro 23, 24 e 25 Teatro Cultura Artística
Orquestra Sinfônica da Rádio de Berlim
Marek Janowski *Regente*
José Feghali *Piano*

Sociedade de Cultura Artística
Rua Nestor Pestana, 196 Telefone (5511) 256 0223
www.culturaartistica.com.br e mail: cultart@dialdata.com.br

Jean Sibelius (1865 – 1957)

Finlândia, Quadro Sinfônico, opus 26

O poema sinfônico – esquema formal de fundo programático grandemente desenvolvido durante o período romântico do século XIX – foi várias vezes abordado por Sibelius. Desejando evocar através da música estados de ânimo, personagens, paisagens e até mesmo situações dramáticas, o compositor encontrou nesse maleável meio de expressão o veículo perfeito para concretizar sonoramente alguns dos seus mais caros ideais de compositor nacionalista. Entre 1892 e 1926, Sibelius escreveu uma boa dúzia de poemas sinfônicos de fisionomia formal e de caráter expressivo bastante diversos. Mas praticamente todos eles trazem a marca do desejo de evocar, por meio da música, todo um cosmo relacionado à terra natal do autor.

Composto em 1899 e revisto no ano seguinte, o Poema (ou Quadro) Sinfônico Finlândia teve uma história bastante ligada aos acontecimentos políticos da época. Comenta Douglas Pudney: "A Finlândia havia sido cedida pela Suécia e anexada à Rússia, em 1809, estabelecendo-se como grão-ducado autônomo dentro do Império czarista. Em 1899, em seguida a um longo período de domínio relativamente liberal de São Petersburgo, o Czar Nicolau II decretou a "russificação" de sua província finlandesa. Foram restringidos os direitos de reunião e imposta a censura, além de dominação rígida de homens e recursos. Um movimento público de protesto, liderado por artistas e intelectuais, rapidamente ganhou intensidade e, em novembro de 1899, foi capaz de dar expressão aos seus sentimentos através de 'Celebrações da Imprensa'. Em três dias de atividades variadas, o acontecimento central foi uma apresentação de gala no Teatro Sueco de Helsinque, sendo o seu clímax seis quadros históricos. Sibelius compôs prelúdios orquestrais adequados e os regeu como revestimento musical de cada cena, durante as quais textos apropriados eram declamados".

Foi a partir desse material sugerido pelas circunstâncias descritas que Sibelius elaboraria o trecho orquestral conhecido sucessivamente como A Pátria, Desperta Finlândia e, finalmente, Finlândia. A obra tornou o nome do compositor mundialmente famoso e acabou por gerar em torno dela até algumas lendas, como a de que seria inteiramente construída sobre temas populares, algo que Sibelius fez questão de negar, na medida em que todas as melodias que ali aparecem foram criadas por ele. Esse poema sinfônico possui duas partes contrastantes – *Andante sostenuto* e *Allegro moderato* –, que dentro de um admirável poder de concisão evocam as atmosferas até certo ponto opostas de solenidade e de júbilo, de sugestão de paisagens finlandesas mergulhadas na obscuridade e da máscula demonstração de força do seu povo. A obra possui várias partes interligadas: de início, ouve-se o grave e majestoso tema dos metais sobre o rufar dos tímpanos. Em seguida e à maneira de um coral, as madeiras e, depois, as cordas introduzem outro tema solene; segue-se uma canção à maneira de um comovido hino (nas cordas, seguidas pelas madeiras). A forte marcação rítmica fornecida pelos trompetes e apoiada sobre as cordas graves anuncia o clímax da obra, onde se ouve uma bela melodia ascendente entregue às cordas. Tem-se, então, um episódio lírico, com um tema de caráter a um só tempo bucólico e folclorizante, que se expande dos sopros agudos para as cordas, em um esboço de desenvolvimento. Na coda, materiais já ouvidos são reapresentados, em clima francamente apoteótico. Para o povo finlandês, essa obra de Sibelius tornou-se um verdadeiro segundo hino nacional.

Robert Schumann (1810 – 1856)

*Concerto para Piano e Orquestra,
em Lá menor, opus 54*

Como já foi dito com muita propriedade, Schumann e Chopin não escreveram exatamente música para piano, mas música pianística. Assim, eles nunca “traduziam” idéias composicionais

para seu instrumento predileto; criavam, isso sim, novas formas de organização do discurso musical, não separáveis de sua realização ao piano. Nesse sentido – e não apenas nesse – ambos foram revolucionários que, ainda hoje, espantam por sua alta carga de informação, que continua soando-nos nova e bela.

Descartando a idéia de que a música escrita para piano deveria, segundo o gosto da época, ser virtuosística, pirotécnica, Schumann pensava em sua linguagem como uma forma simbólica de representar o seu universo interior. Personalidade vibrante e contraditória, alternando, em permanente conflito, a depressão e a euforia, teve de criar, então, todo um conjunto de formas expressivas inéditas, a fim de passar para o papel tudo o que acreditava ser ele mesmo.

O único concerto para piano deixado por Schumann possui uma história curiosa. Em 1841, no ano seguinte ao do seu casamento com a pianista Clara Wieck, o compositor concebeu para ela uma Fantasia para Piano e Orquestra. Sua mulher simplesmente adorou a obra, percebendo que, ali, piano e orquestra estavam tão bem integrados que era impossível pensar em um sem o outro. Pediu então ao marido uma continuação, no sentido de transformar a partitura em um verdadeiro concerto dotado dos habituais três movimentos. E foi o que ele acabou por fazer, em 1845, acrescentando a essa Fantasia inicial um *Intermezzo* e um *Finale*.

Em uma esmerada busca de unidade, o Concerto em Lá menor adotou a forma cíclica. Isso quer dizer que seus três movimentos se relacionam através de um motivo-chave, que funciona como uma espécie de “amarração”, dando à obra a esperada unidade. Aqui, esse motivo é o tema que organiza todo o primeiro movimento e que, no final do *Intermezzo*, é evocado para introduzir o *Finale*, e que, neste último andamento, volta a aparecer, já perto do seu término, junto a outros elementos dessa seção. Mas a grande novidade da partitura está no fato de ela, segundo as palavras do próprio compositor,

ter conseguido ser "algo entre o concerto, a sinfonia e a grande sonata". O que resultou disso foi uma experiência absolutamente nova – a de um concerto para piano e orquestra no qual o instrumento solista passou a ser o centro da composição, subordinando a orquestra a cada um de seus gestos. Assim, por ser o piano quem, no fundo, comandava o discurso, o acompanhamento orquestral acabou por passar por uma espécie de "pulverização", fazendo com que a peça sinfônica ganhasse um ar camerístico absolutamente inédito, bem distante do modelo beethoveniano.

O primeiro movimento, *Allegro affetuoso*, articula-se sobre um tema principal, exposto inicialmente por madeiras e trompas – uma das mais belas inspirações melódicas de Schumann. É ele quem alimenta a forma-sonata empregada (Exposição – Desenvolvimento – Recapitulação – Coda), concretizada sob ótica bastante pessoal. O *Intermezzo: Andantino grazioso* que vem em seguida articula-se em forma *lied* (A – B – A), na tonalidade mais leve de Fá maior. Com o aparecimento do tema do movimento inicial, o compositor leva-nos diretamente ao *Finale: Allegro vivace*. Ele foi construído sobre o arquétipo da forma-sonata bitemática, à qual o compositor adiciona idéias subsidiárias de grande encantamento. Sua brilhante Coda de encerramento é coroada por nova aparição do tema do primeiro movimento, com tratamento rítmico diferente de tudo o que havia sido apresentado anteriormente.

Richard Strauss (1864 – 1949)

Morte e Transfiguração,
Poema Sinfônico, opus 24

Na Europa, durante a década de 1880, o poema sinfônico encontrava-se em seu auge. Essa forma musical, ao contrário de tantas outras, foi criação de um único artista, Franz Liszt, que, aos 35 anos, havia publicado uma série de doze composições orquestrais de um único movimento, coleção essa que recebeu a designação geral de "Poemas Sinfônicos". Cada uma des-

sas partituras era baseada em algum dado extramusical: um poema (O que se ouve sobre a montanha), um mito (Orfeu), uma peça teatral (*Hamlet*), um quadro (A Batalha dos Hunos) ou uma filosofia de vida (Os Prelúdios). Do ponto de vista formal, essas composições se afastavam bastante dos esquemas tradicionais, espalhando-se livremente, de maneira rapsódica.

O jovem Richard Strauss sentiu-se especialmente atraído pelo poema sinfônico. Ao contrário de Liszt, Strauss procurou organizar suas obras do gênero dentro de formas clássicas que garantissem maior coesão interna ao discurso, o que aponta para a importância que o compositor emprestava ao sentido puramente musical dessas suas partituras. Assim, é freqüente encontrar em seus poemas sinfônicos referências diretas à forma-sonata (Morte e Transfiguração), ao rondó (*Till Eulenspiegel*), ao tema-e- variações (*Don Quixote*) e até mesmo à sinfonia em quatro movimentos (Sinfonia Doméstica). A inspiração de ordem extramusical para seus trabalhos ele foi buscar em fontes bastante diversas: em uma tragédia de Shakespeare (*Macbeth*), em um poema romântico de Lenau (*Don Juan*), na prosa de Cervantes (*Don Quixote*), em uma lenda medieval germânica (As Alegres Travessuras de *Till Eulenspiegel*) e na filosofia de Nietzsche (Assim Falou Zaratustra).

Escrito entre 1887 e 1888, Morte e Transfiguração baseou-se em um poema de Alexander Ritter. O resumo de seu assunto evocado pela música: em um quarto miserável e mal iluminado, um doente agita-se em seu leito. A morte se aproxima em meio a um silêncio aterrorizante. O pobre homem encontra momentos de paz ao evocar os vários momentos de sua existência – infância despreocupada, juventude fogosa, maturidade em luta na busca permanente do seu Ideal, que sempre lhe foge. A morte intervém de maneira brutal. O homem luta de maneira desesperada, sempre na procura da realização do seu Ideal. Mas o martelo da morte quebra seu corpo,



GIORGIO ARMANI

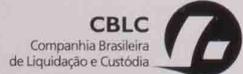
Rua Bela Cintra, 2093 Tel 3062.2660



Durante o espetáculo, favor não fumar, não fotografar e

NÃO COMENTAR

sobre o mercado de ações com a pessoa ao lado.



BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo

É com grande orgulho que, mais uma vez, patrocinamos a Temporada Internacional da Sociedade de Cultura Artística.

traste com o anterior, simboliza em sua magnificência a bandeira da corporação dos Mestres, símbolo do seu poder e de sua força. O último motivo é o do amor finalmente declarado entre os dois jovens heróis, calorosamente sustentado pelas cordas e que, na ópera, serve como base da Canção do Prêmio, com a qual *Walther* ganha o certame dos poetas-cantores. A trama polifônica do final do Prelúdio aponta para o fastígio dessa representação da superioridade da velha arte alemã.

Ludwig van Beethoven (1770 – 1827)

Concerto para Piano e Orquestra nº 1, em Dó maior, opus 15

Dentro de um período relativamente curto – catorze anos, compreendidos entre 1795 e 1809 –, Beethoven escreveu os seus sete concertos para solista e orquestra: cinco deles para o seu instrumento predileto, o piano; um para violino; e o “Triplo”, para piano, violino e violoncelo. De início, abordou a forma sob a nítida influência mozartiana; contudo, em grandes passos, lançou-se em direção a fórmulas absolutamente pessoais e inovadoras. Hoje, todos eles, sem exceção, são a base do repertório da maioria dos grandes intérpretes, o que atesta a permanência do seu valor.

O período em que Beethoven se dedicou à forma concerto foi um dos mais atribulados de sua existência. Scott Goddard disse a respeito: “Esses catorze anos assistiram a grandes mudanças na situação de Beethoven, como homem e como compositor; mudanças de condição de vida, de estado de espírito, de atitude para com os outros, de concepção da música, de todo o seu desenvolvimento espiritual, em suma”.

Os dois primeiros concertos para piano correspondem à fase inicial de sua carreira como virtuose e improvisador muito requisitado em Viena, cidade para a qual fora em busca de reconhecimento, deixando para trás os atormentados anos da difícil adolescência passada em Bonn. Ambos flagram o jovem compositor de

vinte e poucos anos no auge do seu domínio instrumental, com o qual conquistou suas primeiras platéias, e já de posse de um perfeito conhecimento daquilo que de melhor haviam criado no gênero os seus predecessores imediatos.

O Primeiro Concerto foi composto em 1795, retomado em 1798, quando o autor concebeu três cadências para ele, e revisado em 1800. Sua publicação data do ano seguinte. Ainda que tenha sido editado antes do Segundo Concerto, ele é, na verdade, posterior a este. Beethoven não tinha grande amor por essas duas obras, que não colocava entre as melhores da sua produção no gênero, pedindo indulgência para essas partituras que julgava “já pertencerem ao passado”.

As influências estilísticas de Haydn e Mozart são bastante perceptíveis no Concerto em Dó maior. Mas as marcas originais, definitivamente beethovenianas, também se fazem notar, sobretudo no movimento inicial. Esse *Allegro con brio* tem início com uma importante introdução orquestral, de mais de cem compassos, na qual o aparato sinfônico expõe os dois temas principais, sobre os quais o solista desenhará delicados arabescos. O *Largo* em Lá bemol maior que vem em seguida é dominado pelo solista, que mostra as idéias principais, encarrega-se da sua ornamentação e, igualmente, é responsável pelas transições. Foi concebido no esquema *Lied* (A – B – A), e o aspecto de intimidade e de sombra ternura se encontra admiravelmente acentuado pela presença do solo da clarineta. O *Rondó: Scherzando* final é leve e brilhante e não deixa de brincar com efeitos rítmicos que, à época, soaram bastante surpreendentes. Seu clima é o de uma fantasia humorada, algo raro em Beethoven.

Anton Bruckner (1824 – 1896)

Sinfonia nº 7, em Mi maior

Até há pouco tempo quase desconhecido além das fronteiras do universo austro-germânico, o gigantesco ciclo das sinfonias de Bruckner vai, gradativamente, mostrando sua importância

aos povos que cultuam a arte musical. Fruto do trabalho de um artista peculiar, sem paralelos na História, esse vasto monumento sinfônico é bem o retrato de uma alma romântica profundamente religiosa, que, algo paradoxalmente, encontrou no domínio da música profana um amplo espaço para expressar sua visão de mundo.

As sinfonias de Bruckner – onze, ao todo, incluindo-se aí os dois ensaios publicados postumamente – já foram chamadas de “A Arte da Sinfonia”, comparadas que foram à “Arte da Fuga”, de Johann Sebastian Bach, pelo estudioso Armand Machabey. Na verdade, elas são bem a súpula criativa de um processo que brotara e amadurecera durante o Classicismo e que, mesmo no período romântico, mostrara-se ainda capaz de profundas renovações.

A produção sinfônica de Bruckner deve algo do seu poder às experiências anteriores de Haydn, Mozart e Beethoven – “Meu mais alto ideal seria, se eu mostrasse minhas coisas a Beethoven, que ele me dissesse: ‘Bruckner, estou contente contigo!’”, confessou certa vez o compositor. Mas as soluções encontradas por Schubert em suas últimas obras – Bruckner tinha apenas quatro anos quando o autor da Inacabada faleceu – também o influenciaram grandemente.

Bruckner, porém, não foi um artista apenas voltado para o passado. Sensível às novas linguagens de seu tempo – a do universo orquestral recém-inaugurado por Berlioz, a do poema sinfônico colocado em expansão por Liszt, a do cromatismo expressivo e exacerbado dos dramas musicais de Wagner –, Bruckner soube, magistralmente, incorporar essas lições de modernidade ao seu próprio discurso.

As sinfonias de Bruckner são altamente originais, tanto do ponto de vista da forma, quanto da expressividade. Ampliando sob um prisma monumentalista o modelo clássico, elas se tornaram tão vastas que é possível dizer que são a contrapartida sinfônica dos enormes e complexos dramas musicais wagnerianos. Construídas com o rigor de um velho mestre gótico

que tivesse a florado, num passe de mágica, em meio ao Romantismo, elas abriram caminho, inclusive enquanto “música de câmara de dimensões sinfônicas”, para as posteriores experiências de Mahler e até mesmo de Schoenberg. E o que elas revelam é bem a fisionomia de um artista a um só tempo ingênuo e perspicaz, capaz de nos mostrar que uma sinfonia pode abrigar em seu interior o simples e o complexo, o tosco e o requintado, a pura elaboração intelectual e o devaneio. A amplificação das formas tradicionais, o tratamento audacioso da harmonia e a orquestração concebida como uma sucessão de grandes blocos sonoros estão entre as características mais evidentes da produção sinfônica bruckneriana.

As sinfonias de Bruckner foram, com frequência, remanejadas pelo autor e por vários de seus amigos. Assim, na atualidade, há diversas versões de cada uma delas, cabendo ao diretor artístico das orquestras fazer sua escolha entre as várias possibilidades existentes. Nesse quadro, a Sétima Sinfonia é exceção, porque depois do sucesso alcançado em sua estréia, em 1884, o autor não viu porque modificar a partitura.

O primeiro movimento da Sétima Sinfonia, *Allegro moderato*, foi construído sobre uma forma-sonata com três temas principais, contrastantes. Seu clima alterna doçura e solenidade. O *Adagio* que vem em seguida, marcado “com grande solenidade” pelo compositor, é um comovente hino fúnebre ao grande ídolo do autor, Wagner. O *Scherzo vivace*, indicado “muito rápido”, é um movimento marcadamente rítmico e turbulento. O *Finale*, “movimentado, mas não excessivamente rápido”, está em forma-sonata sobre dois temas e é uma conclusão apoteótica à Sinfonia.

Edição Rui Fontana Lopez
Projeto gráfico Carlo Zuffellato e Paulo Humberto L. de Almeida
Foto G. Gueffroy (Orquestra)
Textos Sociedade de Cultura Artística
Tradução Eduardo Brandão
Editoração eletrônica BVDA / Brasil Verde
Fotolitos e impressão OESP Gráfica

A mais perfeita
harmonia e
uma brilhante
performance.

Juntas, num
espetáculo
inesquecível.

O diretor musical Marek Janowski e a Orquestra Sinfônica de Berlim agora estão ao alcance de seus aplausos. A KPMG, sempre em sintonia com o que seus clientes, funcionários e a comunidade em geral desejam, apóia esse inesquecível concerto, dirigido por Janowski, regente e diretor musical de algumas das principais orquestras da Europa e Estados Unidos. Se desejar mais informações sobre a KPMG e os incentivos à cultura e educação, visite o site www.kpmg.com.br



Votorantim

www.votorantim.com.br